

A EVOLUÇÃO DAS IDEIAS LINGÜÍSTICAS DE EVANILDO BECHARA
NA MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

THE EVOLUTION OF EVANILDO BECHARA'S LINGUISTIC IDEAS
IN *MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA*

Leonor Lopes Fávero
Universidade de São Paulo
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
lplfaver@uol.com.br

Márcia Antonia Guedes Molina
Universidade Federal do Maranhão
maguemol@yahoo.com.br

RESUMO:

Nosso objetivo neste trabalho é homenagear o ilustre estudioso Evanildo Bechara, no ano em que completa seus noventa anos, muitos dos quais dedicados ao estudo de nosso idioma, historiando a evolução de seu pensamento linguístico, por meio do exame da *Moderna Gramática Portuguesa*, em duas edições, na de 1970 (16ª edição) e na de 1999 (37ª edição), revista e ampliada. Dadas às limitações especiais, selecionamos para análise neste trabalho os conceitos iniciais de sintaxe de período simples, apontando como o estudioso apoderou-se de conceitos linguísticos e os inseriu em suas considerações acerca dessas noções sintáticas. Nosso trabalho ancora-se nos pressupostos da História das Ideias Linguísticas e na História Cultural.

PALAVRAS-CHAVE:

Evanildo Bechara; homenagem; Análise; *Moderna Gramática Portuguesa*.

ABSTRACT:

In this work, we want to honor the illustrious professor Evanildo Bechara, when he completes his ninety years, many of them dedicated to study our language. We also want historicizing his linguistic thought, through the examination the *Moderna Gramática Portuguesa* into two editions: the 1970 edition (16th edition) and the 1999 (37th edition) revised and expanded edition. Given the spacial limitations of this paper, we selected for analysis the initial concepts of simple period syntax, pointing out how he took over linguistic concepts and inserted them in his considerations about

these syntactic notions. Our work is anchored in the presuppositions of the History of Linguistic Ideas and Cultural History

KEYWORDS:

Evanildo Bechara; homage; Analysis; Moderna Gramática Portuguesa.

Introdução

Para Certeau (1982) fazer história é buscar um lugar deixado em branco ou escondido pela análise que revela a relação de um sujeito individual com seu objeto. Nosso objetivo neste trabalho é o de buscar esta lacuna, como uma forma de prestigiar Evanildo Bechara, este grande nome da Filologia e da Linguística Brasileira, no ano em que completa 90 anos, muitos dos quais dedicados aos estudos linguísticos e ao ensino.

E quão árdua é a tarefa de produzir um artigo em homenagem a ele! Quão vasto e profundo é o seu conhecimento! Quão profícua sua produção! Já nos arriscamos em empreitada similar quando em 2010 publicamos “O pro-nome na *Moderna Gramática Portuguesa de Evanildo Bechara*”, mas nossa responsabilidade agora é ainda maior, afinal, trata-se de pontuar a evolução do pensamento linguístico desse que há muito mais de meio século vem se dedicando aos estudos do nosso vernáculo.

Apesar do desafio ser desmesurado, vamos enfrentá-lo. Recortamos para exame neste trabalho os conceitos iniciais de sintaxe: frase e período, na mesma obra outrora analisada, nas edições de 1970 e na de 1999, avaliando agora o desenvolvimento das ideias linguísticas do autor, ancoradas nos pressupostos da História das Ideias Linguísticas e da História Cultural, cujo principal objeto é identificar o modo como em diferentes momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada à luz (CHARTIER, 1990). Nosso papel aqui não é o de apenas historiar o passado, mas recuperá-lo, pois, como diz Bloch (2010, p.100):

...é tal a força da solidariedade das épocas que as ligações da inteligibilidade se tecem nos dois sentidos: a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas não vale a pena esforçarmo-nos para compreender o passado, quando nada se sabe do presente.

Assim, nosso papel não é nem o de reconstruirmos fatos dispersos, nem o de nos focarmos em estudar um fato passado como objeto inerte, mas o de buscarmos estabelecer um diálogo entre o Evanildo Bechara de antes e atual, permeado por saberes adquiridos ao longo desses anos. Antes porém, para que melhor possamos compreender o processo dessa evolução, traçaremos um breve perfil desse importante estudioso brasileiro.

1. Evanildo Bechara, o professor, o estudioso

Evanildo Bechara, pernambucano de nascença, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou, aos 18 anos no curso de Letras Neolatinas, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Instituto Lafayette. Lá concluiu tanto o bacharelado quanto a licenciatura, porém antes mesmo de se formar, logrou aprovação no Exame de Suficiência, promovido pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), na então Faculdade Nacional de Filosofia.

Aos 17 anos, publicou seu primeiro ensaio: “Fenômenos de entoação”. Seu interesse pela Língua Portuguesa fê-lo aproximar-se desde muito cedo de grande nomes da filologia, dentre eles, de Manuel Said Ali, de quem se tornou grande amigo e é profundo conhecedor de sua obra.

Lecionou em inúmeras instituições escolares e, em 1954, com a tese “Meios de expressão do Pensamento Concessivo em Português”, submeteu-se a concurso no Colégio Pedro II. O trabalho não lhe garantiu aprovação, mas um veemente elogio publicado no Jornal do Comércio, pelo Professor Vieira Souto, um dos membros da banca examinadora do referido concurso.

Anos depois, foi convidado por Antenor Nascentes a ser seu assistente na disciplina de Filologia Românica, na Faculdade em que se formara.

Em 1960, lançou sua “Lições de Português pela análise sintática” e submeteu-se à prova de livre docência nessa Instituição, com a sete “O Futuro em Românico” e em 1962, com a tese “A sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta” foi aprovado para a cátedra. No ano anterior, convidado a rever a “Gramática de Curso Superior” de Eduardo Carlos Pereira, adequando-a à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), resolveu produzir sua própria gramática, objeto desse estudo.

Em 1964, com a tese “Manuel Said Alie sua contribuição à filologia portuguesa”, foi aprovado para a cátedra de Língua e Literatura Brasileira do Instituto de Educação do Rio de Janeiro Foi secretário geral do Conselho de

Estado de Educação, membro da Academia Brasileira de Filologia e professor visitante em inúmeras universidades no Brasil e no exterior e dirigiu várias revistas de nossa área.

Inúmeros foram os artigos publicados aqui e no exterior. Incontáveis as bancas de mestrado e doutorado por ele examinadas. Mas dessa sua longa trajetória, não podemos deixar de mencionar que é membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira de número 33, e o fato de que foi o primeiro a traduzir “Lições de Linguística Geral”, de Eugênio Cosériu, em 1979, obra que muito influenciou o pensamento linguístico de nosso autor.

2. A evolução dos conceitos de *período e frase*, na “Moderna Gramática Portuguesa”, edições de 1970 e 1999

Damos início, revisando a definição de **período** observada na “Moderna Gramática Portuguesa”, edição de 1970, P. 246

Chama-se *período* o conjunto oracional cuja enunciação termina por silêncio ou pausa mais apreciável, indicada normalmente na escrita por ponto.

O *período* se diz simples quando constituído por uma só oração. Nesta circunstância. A NGB chama-lhe oração *absoluta*. (...)

Nesta definição, três fatos tornam-se importantes de serem pontuados: quer-nos parecer que o autor:

- (a) considera como período, a estrutura do enunciado: “conjunto oracional”;
- (b) aponta a NGB como parâmetro para suas considerações gramaticais. Recordemo-nos que essa foi assinada em 1959 com implementação exigida em 1960:

PORTARIA N° 36, DE 28 DE JANEIRO DE 1959

O Ministro do Estado da Educação e Cultura, tendo em vista as razões que determinaram a expedição da Portaria n° 152, de 24 de abril de 1957, e considerando que o trabalho proposto pela Comissão resultou de minucioso exame das contribuições apresentadas por filólogos e linguistas, de todo o País, ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, resolve:

Art. 1° - Recomendar a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira, que segue anexa à presente Portaria, no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino.

Art. 2° - Aconselhar que entre em vigor: a) para o ensino programático e atividades dele decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959; b) para os exames de admissão, adaptação, habilitação, seleção e do art. 91 a, partirdos que se realizarem em primeira época para o período letivo de 1960.

Clóvis Salgado

(a) já considera o termo “enunciação”, apontado por Emile Benveniste.

Prosseguindo, completa:

A importância da situação e do contexto – Num intercâmbio de nossos pensamentos, desempenham relevante papel a situação e o contexto.

Entende-se por SITUAÇÃO o ambiente físico e social onde se fala CONTEXTO é o ambiente linguístico onde se acha a oração. (p. 241).

- sublinhando a importância de fatores contextuais.

Na obra, revista e ampliada, de 1999 (p. 406), assim assevera o autor, em relação ao mesmo termo:

Enunciado ou período: Toda manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que lhe

seque, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entonação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego de letra maiúscula inicial (...)

Nessa definição, muito mais abrangente, o caráter social da língua está lembrado: “Toda manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes...”, mostrando-nos a importância agora dada à análise relacionada a seu uso, ou seja, avaliada em situações comunicativas.

Recordamos com Cunha (2008, p. 157) que a corrente funcionalista é aquela que, “em oposição ao estruturalismo e o gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre estrutura gramatical da língua e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Reunindo uma série de subteorias, a abordagem funcionalista postula que a língua tem funções cognitivas e sociais responsáveis pela estrutura e sistema que estabelecem a gramática de uma determinada língua. (CASTILHO, 2012, p. 21).

Na definição acima foi também pontuada a questão da *entoação*. Recordemo-nos com Cagliari (1994) que são várias as possibilidades que um falante tem para produzir determinados efeitos semânticos e pragmáticos ao seu dizer. Assim, “Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (BECHARA, 1999, p. 407).

Nessa concepção, a língua é analisada no uso, nas situações comunicativas, avaliando-se sua função numa determinada frase, como o faz nosso gramático.

Na sequência, nessa mesma obra, prossegue: “A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado ou período*.”, mostrando-nos também a força de teorias cognitivistas, interacionistas agora presentes na definição. Fato destacado na continuidade da conceituação:

Apesar de tão variadas as formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1,256]:

- (a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;
- (b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

(c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor”

Notemos que na edição revisada não há mais menção à NGB, visto que a mesma já estava totalmente absorvida pela comunidade linguística e a referência AL. 1, diz respeito à *Gramática de la Lengua Española*, ou seja, trata-se do gramático, estudando outras importantes obras gramaticais.

Além disso, o tripé, postulado pelos funcionalistas, centrado no falante ecoa com profundidade nesta edição da obra de Evanildo Bechara, ou seja, percebe-se que releva a capacidade natural de o falante estabelecer a ligação entre esquemas cognitivos e linguagem; o seu saber sobre uma língua particular; a sua competência linguística em um evento comunicativo, mostrando-nos que embora independentes, os aspectos formais, semânticos e discursivos de uma língua devem ser articulados, uma vez que representam diferentes faces de um mesmo objeto. Mostrando-nos mais uma vez a influência advinda de várias teorias em suas ideias linguísticas.

O autor não trata do conceito de frase na edição de 1970, mas na de 1999, assumindo agora a voz de autor de livros de gramática, assim a conceitua:

Oração e frase: Entre os traços de enunciados há um conhecido pelo nome de oração que, pela sua estrutura, representa o *objeto* mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelas fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática (...)

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função de enunciado. (...) (p, 407)

Parecendo alinhar-se com Said Ali (opus cit.), seu amigo e grande influenciador, que define a oração como sendo uma combinação de palavras (e às vezes uma só palavra) com que nos dirigimos a alguém; e a Perini (1995) que

informa ser a oração uma frase que apresenta determinado tipo de estrutura interna, incluindo sempre um predicado e frequentemente um sujeito.

Considerações Finais

A formação e o percurso profissional de Evanildo Bechara atestam o quão denso, amplo e profundo é seu conhecimento linguístico e mostram como suas ideias linguísticas evoluíram ao longo dos anos.

Apesar do pequeno recorte aqui examinado, pode-se perceber que em sua gramática de 1970 (16ª edição), o autor mostra-se preocupado com o ensino da Língua Portuguesa, atendendo ao determinado pela NGB. Na ocasião, como se pode ver do breve perfil traçado do autor, era docente, necessitava alinhar sua gramática ao determinado pelo Ministério da Educação.

Recordemo-nos de que ao historiar um passado linguístico, não devemos somente descrever o fato, mas buscar os pontos que ligam contexto, autor e obra produzida. O que vemos na edição em questão é que o autor não está desvencilhado do que era na ocasião: professor; e produz uma obra comungando com as necessidades do grupo em que estava inserido. Além disso, como desde muito cedo era um meticoloso pesquisador, nessa obra já se ouve o eco de teorias linguísticas que foram, ao longo dos anos, constituindo seu saber.

As últimas décadas do século XX foram de inúmeras transformações em nossa área e, repetindo o mesmo Bloch (id.,p.94):

...nunca um fenômeno histórico se explica plenamente fora do estudo de seu momento. E isto é válido para todas as etapas da evolução. Para aquelas em que vivemos, como para as outras. Já um provérbio árabe o dissera: “ os homens parecem-se mais com o seu tempo que com seus pais”. Foi por ter-se olvidado desta sabedoria oriental que se desacreditou às vezes o estudo do passado.

O estruturalismo dominante cedeu a muitas outras teorias linguísticas, com intersecções com várias outras áreas de saber. Aquele saber monolítico que imperou durante muito tempo deu lugar à pluralidade de saberes que se somaram aos linguísticos. Assim, dialogando com esse cenário deparamo-nos com a edição de 1999, que deixa de ser uma gramática para os bancos escolares para tornar-se uma obra de consulta àqueles que desejam um estudo aprofundado de nosso idioma, com profundas reflexões acerca de gramática e de linguística.

Não se poderia compreender esse processo por que passou nosso autor se o dissociássemos de sua prática. Ao longo desse percurso, o que vemos é uma articulação entre o aplicado estudioso, o profundo conhecedor da Língua Portuguesa e o professor dedicado.

Referências

- ALI, Manuel Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/d
- AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques*. Paris: Pierre Mardaga, t.1, 1989.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa* (curso médio). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970 [16ª edição]
- _____. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- BLOCH, M. *Introdução à História*. Lisboa: Europa/América, 2010
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*: São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- CASTILHO, A. T.de. Funcionalismo e Gramáticas do Português Brasileiro. In: SOUZA, E. R. de et. al. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto 2012.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- CHARTIER, R. *História Cultural : entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSÈRIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Edição revista e corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- CUNHA, M.A. F. da. Situando o Funcionalismo. In SOUZA et. al. *Sintaxe em foco*. Ebook., Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- FÁVERO, L.L. & MOLINA, M.A.G. O pronome na Moderna Gramática Portuguesa de Evanildo Bechara. *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 33/34, 2010, p.85 – 100,
- PERINI, M.A. *Gramática descritiva da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1995.

Outras fontes:

Site da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/noticias/academico-e-professor-evanildo-bechara-fala-na-abl-sobre-antenor-nascentes-na-abertura-do>. Acesso em agosto de 2018.

Nota do editor: articulistas convidados.